

Capítulo

6

**DOENÇA INFLAMATÓRIA PÉLVICA:
PREVENÇÃO E TRATAMENTO**



DOENÇA INFLAMATÓRIA PÉLVICA: PREVENÇÃO E TRATAMENTO

PELVIC INFLAMMATORY DISEASE: PREVENTION AND TREATMENT

Maria Beatriz de Andrade Silva¹

William Gomes da Silva²

Vânia Marília Lima Guida³

Jhennypher Simões de Souza Santos⁴

Milena Barbosa da Silva⁵

Nataly Soares da Silva⁶

Ana Eduarda de Araújo Torres⁷

Resumo: A Doença Inflamatória Pélvica (DIP) é uma das mais importantes infecções sexualmente transmissíveis, sendo na grande maioria das vezes uma das principais consequências das cervicites.

De acordo com o grau de complicação define-se o regime em ambulatorial, hospitalar ou cirúrgico.

1 Enfermeira. Pós-Graduada em urgência, emergência e Unidade de Terapia Intensiva.

2 Fisioterapeuta com especialização em saúde da mulher e fisioterapia neurológica adulto. Acadêmico do curso de medicina. Centro Universitário UNINORTE – Brasil

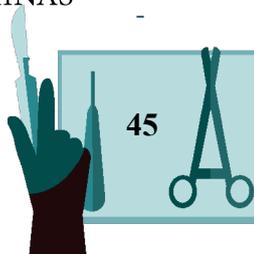
3 Graduação em Nutrição. Licenciatura Plena em Ciências. Especialização em Terapia Nutricional e Nutrição Clínica. Especialização em Desenvolvimento Sustentável na Amazônia com ênfase em EA. Mestranda do programa de pós-graduação em ensino tecnológico do IFAM.

4 Enfermeira. Pós-graduanda em Enfermagem do trabalho.

5 Enfermeira. Especialista em Saúde Pública pela UFPB/FIOCRUZ e Especialista em Auditoria pela CBPEX.

6 Enfermeira. Pós-graduanda em Docência em enfermagem pela FAVENI.

7 Graduada em Enfermagem. Pós-graduanda em Atenção Primária a Saúde com ênfase em saúde da família/ Docência do ensino superior e enfermagem/Enfermagem em Terapias Holísticas e complementares/Enfermagem em urgência e emergência e gestão nos serviços hospitalares e Gestão de saúde pública e privada pela FACUMINAS



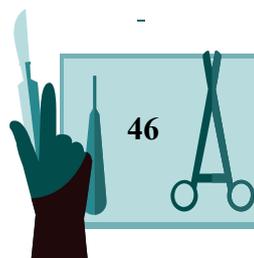
Além disso, o tratamento empírico, métodos preventivos e educativos devem abranger não apenas a paciente, como também eventuais parceiros. Este estudo teve como objetivo esclarecer informações e acrescer com os conhecimentos médicos através de bibliografias recentes acerca da temática da Doença Inflamatória Pélvica (DIP), abrangendo seus principais tópicos como manifestações clínicas, fatores de risco, bem como abordagem prognóstica e terapêutica.

Palavras Chaves: Infecções Sexuais; Saúde da Mulher; Assistência.

Abstract: Pelvic Inflammatory Disease (PID) is one of the most important sexually transmitted diseases, being in most cases one of the main consequences of cervicitis. According to the degree of complication, the regime is defined as outpatient, hospital or surgical. In addition, empirical treatment, preventive and educational methods should cover not only the patient, but also any partners. This study aimed to clarify information and add to medical knowledge through recent bibliographies on the subject of Pelvic Inflammatory Disease (PID), covering its main topics such as clinical manifestations, risk factors, as well as prognostic and therapeutic approach.

Keywords: Sexual Infections; Women's Health; Assistance.

A doença inflamatória pélvica (DIP) trata-se de uma das mais importantes infecções do trato genital feminino, tido por sexualmente transmissíveis, sendo denominada como uma síndrome clínica inflamatória. Essa infecção é consequente da ascensão de microrganismos do trato genital inferior (vagina e colo do útero) e havendo um deslocamento para trato genital superior, podendo ainda afetar

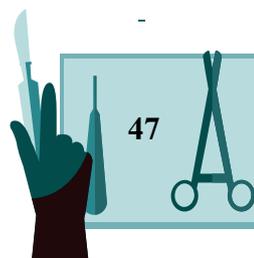


regiões como: endométrio, tubas, ovários, peritônio pélvico e estruturas próximas. (MENEZES et al., 2021; SCHEER et al., 2021).

Segundo SCHEER et al., 2021 é verificada uma maior associação desta doença em mulheres com múltiplos parceiros, idade inferior a 25 anos, história anterior de DIP, implantação de dispositivo intrauterino sem assepsia adequada e laqueadura tubária. Enquanto DA SILVA MAIA, et al. 2021 indica também alta frequência de coito; coito desprotegido; história anterior de infecção sexualmente transmissível, além de fatores socioeconômicos, condições de higiene, tratamento, fatores ambientais, comportamentais entre outros.

É notória a deficiência de dados epidemiológicos no Brasil acerca desse tema. Podendo isto, ser justificado devido a subnotificação, tal como, a precariedade no diagnóstico, fator este, que necessita de uma maior atenção devido suas complicações, no entanto, em 2020 foi coletado pelo ministério da saúde um total de 23.226 casos de internações por DIP no Brasil. Estudos revelam que esta doença pode acarretar em 20% o risco de infertilidade, aumentando em até 50% em mulheres que sofreram com episódio dessa infecção por mais de 3 vezes, além de gravidez ectópica em 9% dos casos e dor pélvica em 18%. (DA SILVA MAIA et al., 2021).

Por consequente, o diagnóstico da DIP é muitas vezes inviabilizado devido ao fato de que há uma extensa variação acerca dos sinais e sintomas e pela escassez de um método diagnóstico específico para casos leves e moderados, afóra de casos assintomáticos. Porém, os métodos padrões-ouro utilizados nesses casos vão ser: presença de abscesso tubo-ovariano, endometrite e achados na laparoscopia. No caso de mulheres susceptíveis a doenças sexualmente transmissíveis pode começar a ser identificada a partir de dor pélvica ou abdominal inferior recente (menos de 30 dias), tendo também auxílio dos exames de hemograma, qualitativo de urina e cultura de material da cérvix para eliminar



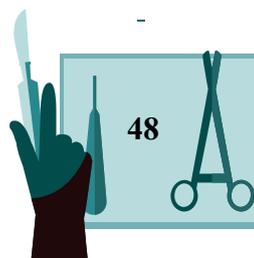
o diagnóstico de DIP (RABOLINI et al., 2021).

No que diz respeito ao tratamento, pode ser desempenhado em ambulatório ou hospital. Será inicialmente usada uma cobertura antimicrobiana empiricamente cobrindo CT, NG gram-positivos, gram-negativos e anaeróbios, levando sempre em consideração o fato importantíssimo de que caso este tratamento venha a atrasar-se em 2 a 3 dias é provável o aumento no risco de infertilidade. Ademais, os pacientes também devem ser vacinados contra outras DSTs (como HBV e HPV) (RABOLINI et al., 2021; CURRY et al., 2019).

Define-se Doença Inflamatória Pélvica (DIP), a síndrome clínica inflamatória e infecciosa decorrente da ascensão de microrganismos do trato genital inferior (vagina e colo do útero) para o trato genital superior, podendo comprometer endométrio, tubas, ovários, peritônio pélvico e estruturas adjacentes (MENEZES et al., 2020). A Doença Inflamatória Pélvica (DIP) é secundária à ascensão de bactérias de transmissão sexual ao trato genital feminino, especialmente *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*, mas também ser disseminada por bactérias aeróbias e anaeróbias provenientes da flora vaginal (HALBE; CUNHA, 2010).

A Doença Inflamatória Pélvica (DIP) é uma das mais importantes infecções sexualmente transmissíveis, sendo na grande maioria das vezes uma das principais consequências das cervicites (MENEZES et al., 2020). A maior prevalência é em mulheres sexualmente ativas entre 15-24 anos de idade. A morbidade é considerável porque, na vigência do tratamento, o bem-estar e a capacidade para o trabalho estão prejudicados, sendo a cura demorada (4-6 semanas), prolongando-se nos casos cirúrgicos (HALBE; CUNHA; DONALDO, 2010).

Sequencialmente Doença Inflamatória Pélvica (DIP) apresenta um quadro clínico muito variável, o sintoma mais comum é a dor abdominal baixa, podendo ou não estar associada à leucorréia,

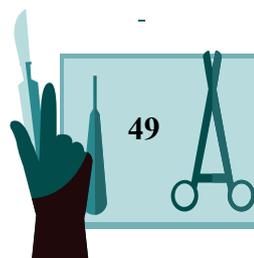


dispareunia, náuseas e vômitos, podendo apresentar temperatura entre 37,5° a 38,3°, secreção e sangramento vaginal anormal, massa pélvica (COSTA et al., 2017).

Diante disso, o diagnóstico clínico da Doença Inflamatória Pélvica (DIP), deve sempre ser considerado em mulheres sexualmente ativas com dor abdominal baixa ou dor pélvica, bem como, sangramento vaginal anormal. Sendo considerado diversos critérios sendo eles: critérios mínimos, de rotina e específicos, quando não seja diagnosticada precocemente pode agravar os sintomas como a formação de abscesso tubo-ovariano (QUINET et al., 2012).

Como método preventivo cogita-se evitar que práticas de higiene impropriadas, que podem ser uma condição contribuinte para a infecção vaginal, a higiene anal realizada do ânus até a vagina também é um fator contribuinte, onde os resíduos fecais na calcinha podem ser fonte de levedura. A redução local da imunidade mediada por células também é um fator de risco (SOARES et al., 2019).

O tratamento deve ser iniciado imediatamente, visando evitar complicações tardias como infertilidade, gravidez ectópica e dor pélvica crônica. (MENEZES et al, 2020 apud HILLIS; JOESOFF; MARCHBANKS; WASSERHEIT; CATES; WESTROM, 1993) O esquema de antibioticoterapia deve ser de amplo espectro para cobrir a flora polimicrobiana. De acordo com o grau de complicação define-se o regime em ambulatorial, hospitalar ou cirúrgico. Além disso, o tratamento empírico, métodos preventivos e educativos devem abranger não apenas a paciente, como também eventuais parceiros (SAVARIS et al., 2019). Este estudo teve como objetivo esclarecer informações e acrescer com os conhecimentos médicos através de bibliografias recentes acerca da temática da Doença Inflamatória Pélvica (DIP), abrangendo seus principais tópicos como manifestações clínicas, fatores de risco, bem como abordagem prognóstica e terapêutica.



REFERÊNCIAS

COSTA, J. V. L et al. (2017). Doença inflamatória pélvica/ pelvic inflammatory disease. 2017. 5 p. Artigo acadêmico — UNIFIA, Amparo, 6, 145.

CURRY, Amy; WILLIAMS, Tracy; PENNY, Melissa L. Doença inflamatória pélvica: diagnóstico, manejo e prevenção. Médico de família americano. v. 100, n. 6, pág. 357-364, 2019.

DA SILVA MAIA, Jesiane Rocha et al. Fatores que determinam o desenvolvimento da doença inflamatória pélvica. DêCiência em Foco, v. 5, n. 1, p. 77-89, 2021.

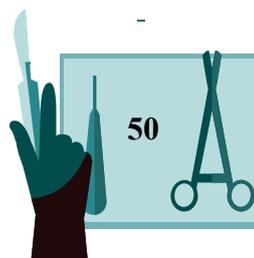
HALBE, Hans Wolfgang; CUNHA, DONALDO Cerci da. Doença inflamatória pélvica. Diagn. Tratamento, v. 15, n. 3, p. 106-109, 2010.

KRYZUY N. P., GARCEZ M. A., TASCAL S., QUEIROZ I. S., SOBRINHO L. B., RODRIGUES C. C. Q., AMARIZ M. A. dos S. A., ARAÚJO Ícaro C. D., CARNEIRO Y. V., & MIURA F. K. (2021). Abordagem geral da Doença Inflamatória Pélvica (DIP): uma revisão narrativa. Revista Eletrônica Acervo Médico, 1(2), e9330. <https://doi.org/10.25248/reamed.e9330.2021>

MENEZES, Maria Luiza Bezerra et al. Protocolo brasileiro para infecções sexualmente transmissíveis 2020: doença inflamatória pélvica. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 30, p. e2020602, 2021.

QUINET, B. B. et al. (2012). Doença inflamatória pélvica: atualização. Rev. Med Minas Gerais, 22(5), 50-54.

RABOLINI, Bruno Brasil et al. Doença inflamatória pélvica. Lubianca, Jaqueline Neves; Capp, Edison (org.). Promoção e proteção da saúde da mulher, ATM 2024/1. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina, 2021. p. 157-172., 2021.



SAVARIS RR, et al. Antibiotic therapy for pelvic inflammatory disease: an abridged version of a Cochrane systematic review and metaanalysis of randomized controlled trials. *Sex Transm. Infect.*, 2019; 95(1): 21-27

SCHEER, Isadora Oliveira et al. Abordagem da doença inflamatória pélvica: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 1, p. 169-187, 2021.

